O MAGAZINE CULTURAL DA CIDADE DE LISBOA
DESDE 2011

© Bruno Lopes

ARTE & CULTURA

Astray (Prologue), de Caroline Mesquita

José Pardal Pina

É possível que, depois de muito tempo a estudar a arte contemporânea, se fique a pensar que existe um certo gesto e jeito formulaico que torna as obras e as exposições vagamente repetitivas e óbvias. Os mesmos temas, as mesmas formas de ocupação espacial, as mesmas palavras e jargões; referências já conhecidas, nomes já falados; os suportes que se repetem com ligeiras variações...

É certo que é uma visão ligeira, mas o sentimento que vai fincando é bem real. A surpresa perde-se.

Não é fácil explicar onde radica exatamente esta questão: se no contexto cultural em que se vive, no qual as imagens se sucedem em catadupa para assim se esvaziarem de conteúdo e surpresa; se nos artistas, que desistiram de procurar a originalidade, ou pelo menos a novidade; se nas instituições, que incapazes de dar muitas vezes resposta à vontade do artista, dão prevalência a soluções fáceis, a par, muitas vezes, de uma sobeja subfinanciação do setor.

Astray (Prologue), de Caroline Mesquita, na Kunsthalle Lissabon, inverte, contudo, esta tendência e é provavelmente umas das exposições e instalações mais surpreendentes e mais radicais nos últimos tempos, em Lisboa. Não só pela obra, mas pela ousadia da instituição em acolhê-la e tudo fazer para que acontecesse.

A descida gradual à cave da Kunsthalle não prepara o visitante para a obra. Somente no último degrau se compreende finalmente a violência da instalação: uma cratera escavada na cave do espaço expositivo, a terra exposta, o mármore do chão partido e colapsado. Está-se perante algo que não devia estar ali, como se uma escavação secreta se tivesse feito à revelia dos olhares da superfície, exposta, agora, sob a luz branca e incandescente do interior. No centro, um tubo gigante, enferrujado pelo tempo, aparentemente uma dessas condutas imensas que transportam os dejetos excretados pela cidade. Mas uma circundação do perímetro deixa-nos na dúvida de não sabermos se começa ali o tubo ou acaba, e as ossadas que se encontram ali depositadas desconhecemos se foram excretadas, se inseridas para uma viagem ao interior visceroso da cidade.

O ambiente é o de um achado arqueológico. A ficção é a de um achado arqueológico e a narração do que se esconde nas camadas mais subcutâneas do habitar, da cidade. É sarcófago, é artefacto, é objeto dotado de uma pretensa carga temporal, cronológica, que nos ultrapassa e nos reduz pelas várias escalas que congrega. E como na arqueologia há sempre um grau de mistério, de assombro, de tocar o que se julgava morto, a obra devolve toda essa atmosfera estranha e mística inerente às matérias deste campo tão fértil – sempre tão fértil – que é, justamente, a arqueologia.

Astray (Prologue) devolve-nos a realidade contemporizadora da cidade, de encerrar em si vários tempos, memórias, esqueletos e histórias/estórias. Devolve-nos o espanto na arte e no tempo.

Naturalmente, um gesto destes, que obriga à destruição parcial da instituição acolhedora, requer um compromisso e uma conivência da própria instituição. Em parte, é também uma ousadia sua, mesmo não conhecendo o historial de quase dez anos da Kunsthalle Lissabon e de um largo portefólio de exposições e projetos desafiantes e desafiadores.

Astray (Prologue) é a última exposição até 2020, e até lá o espaço vai ser entregue a outras instituições e plataformas internacionais (Pivô, Basement Roma, Kadist e ICA Philadelphia) para ali exporem projetos e obras de artistas vários. Uma atitude muito curiosa e interessante – corajosa também – de chamar a Lisboa outras geografias e modos de trabalhar e ver, um espaço de acolhimento transitório para a arte contemporânea que, talvez, possa criar raízes e interesse por parte de terceiros. Uma hipótese, ainda, para ensaiar deslocamentos, novos modos de operar e, claro, meditar sobre o papel institucional nas cidades.

Concomitantemente, este é o primeiro momento de um conjunto maior que Caroline Mesquita vai expor na Galeria Municipal do Porto – a introdução a uma investigação mais desenvolvida e aturada sobre o imaginário e a construção arqueológicos, com a curadoria de Sofia Lemos.

Até 8 de fevereiro, na Kunsthalle Lissabon.

JANEIRO 14, 2019

ARTE , LISBOA

ARTIGOS RELACIONADOS

Jacuzzi, de Manuel Solano, na Kunsthalle Lissabon
Novembro 3, 2021

Entrevista a Hugo Ganhão: 4500 – Ensaio Fotográfico
Novembro 3, 2021

A Third Reason e Clavier à Lumières: Alexandre Estrela e Igor Jesus na Rialto6
Novembro 3, 2021

‹ ARTIGO ANTERIOR
Voltar ao Arquipélago

PRÓXIMO ARTIGO ›
Melancolia Migrante em Las Golondrinas de Maya Saravia na Balcony Gallery

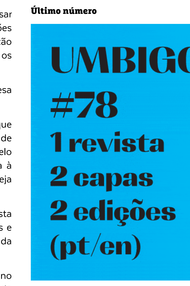
JOSÉ PARDAL PINA

José Rui Pardal Pina (n. 1988) obteve o grau de mestre em arquitetura pelo I.S.T. em 2012. Em 2016 ingressou na Pós-graduação em Curadoria de Arte na FCSH-UNL e começou a colaborar na revista Umbigo. Interessa-se por arte, cinema, política, literatura, arquitetura...

Rubricas

5 SUGESTÕES CULTURAIS
IRL STORIES
POV:
RESPOSTA ABERTA
THROUGH THE KEYHOLE

Último número



COMPRAR | NUM. ANTERIORES

Subscrever

Primeiro Nome

Apelido

Email

Subscrever a Newsletter (versão PT)!
Aceito a Política de Privacidade

Ich bin kein Roboter.
reCAPTCHA
Datenschutzerklärung – Nutzungsbedingungen

SUBSCREVER

@ Powered by

NLF Software® for Umbigo Magazine

O MAGAZINE CULTURAL DA CIDADE DE LISBOA
FREE & ONLINE

© Bruno Lopes

ART & CULTURE

Astray (Prologue), by Caroline Mesquita

José Pardal Pina

After an extensive period dedicated to the studying of contemporary art, one may think that there are a certain gesture and formula that might turn the works and exhibitions into something repetitive and obvious. The same subjects, the same forms of spatial occupation, the same words and jargon; the references known beforehand, the names uttered once more; the supports that repeat themselves with subtle variations...

Although this is a superficial perspective, the feeling is quite real. The surprise element is lost.

The origin of this issue is not particularly discernible: perhaps, it has to do with the current cultural context, where images are relentlessly shown one after the other, emptying themselves of any content and wonder; perhaps the fault lies in the artists, who stopped looking for originality, or at least novelty; or it has to do with the institutions, which often fail to respond to the artist's aim, preferring instead to go for easy solutions, along with the sector's chronic lack of funding.

Astray (Prologue), by Caroline Mesquita at the Kunsthalle Lissabon, reverses this trend and is probably one of the most surprising and radical exhibitions and installations that has appeared in Lisbon in recent times. Not only for the work itself, but for the institution's bold attitude to welcome it and do everything to make it happen.

The steady descent to Kunsthalle's basement does not prepare the visitor for the upcoming work. The last step is where we can finally understand the installation's violence: a crater excavated in the basement of the exhibition area, the exposed earth, the broken and collapsed marble floor. It resembles something that should not be there, as if a secret excavation had been protected from the outer world, and now it is finally exposed, under the white, incandescent light of the interior. There is a giant tube in the centre, rusted by time, apparently one of those vast ducts that carry the city faeces. But the circumference of the perimeter does not pinpoint where the duct ends or begins, and we don't know if the bones there were excreted or scattered around for a journey towards the city's visceral interior.

The environment is that of an archaeological find. The fiction is that of an archaeological find and the narration is focused on what is concealed in the more subcutaneous layers of the act of inhabiting, of the city. It is a sarcophagus, an artefact, an object with a time-laden, chronological load, which surpasses and reduces us throughout the different scales gathered by it. And since, in archaeology, there is always a level of mystery, of wonder, of touching what had been considered dead, the work retrieves that whole odd and mystical atmosphere of what belongs to this extremely fertile field – always so fertile – which is archaeology.

Astray (Prologue) takes us back to the city's complacent reality, which encloses in itself different eras, memories, skeletons and stories/narratives. It gives us back the astonishment found in art and time.

Naturally, a gesture like this, which demands the partial destruction of the hosting institution, requires a commitment and the participation of the institution itself. In part, it is also a bold decision, even if one does not know the almost ten-year history of Kunsthalle Lissabon and a large portfolio of challenging and daring exhibitions and projects.

Astray (Prologue) is the last exhibition until 2020. In the meantime, the space will be occupied by other institutions and international platforms (Pivô, Basement Roma, Kadist and ICA Philadelphia) to exhibit projects and works by different artists. A rather curious and interesting stance – and brave – to summon to Lisbon other geographies and ways of operating and seeing, a transitional platform for contemporary art that maybe will establish its roots and raise interest from third parties. There will also be the opportunity to rehearse relocations, new ways of operating and, of course, to meditate on the institutional role in cities.

Concomitantly, this is the first moment of a larger set that Caroline Mesquita will exhibit at the Galeria Municipal do Porto – the introduction to a more developed and detailed research on the archaeological imagery and construction, curated by Sofia Lemos.

Open until February 8, at Kunsthalle Lissabon.

JANUARY 14, 2019

ART , LISBON

RELATED POSTS

Jacuzzi by Manuel Solano, at Kunsthalle Lissabon
November 3, 2021

Interview with Hugo Ganhão: 4500 – Photographic Essay
November 3, 2021

A Third Reason and Clavier à Lumières: Alexandre Estrela and Igor Jesus at Rialto6
November 3, 2021

PREVIOUS POST
Returning to Arquipélago

NEXT POST
Migrant Melancholy in Las Golondrinas by Maya Saravia at the Balcony Gallery

JOSÉ PARDAL PINA

José Rui Pardal Pina (n. 1988) has a master's degree in architecture from I.S.T. in 2012. In 2016 he joined the Postgraduate Course in Art Curation at FCSH-UNL and began to collaborate in the Umbigo magazine. He is interested in art, cinema, politics, literature, architecture...

coletivo–amarelo
ENTORNO

umbigo LAB
Presented by FUNDAÇÃO MILLENNIUM BCP
Network for Art

Rubrics

5 CULTURAL SUGGESTIONS
IRL STORIES
POV:
THE OPENING RESPONSE
THROUGH THE KEYHOLE

Last issue

BUY PREV. EDITIONS

Subscribe

First Name

Last Name

Email

Subscribe to the Newsletter (EN Version)!
I accept the Privacy Policy

Ich bin kein Roboter. reCAPTCHA Datenschutzerklärung - Nutzungsbedingungen

SUBSCRIBE

@ Powered by

NLF Software® for Umbigo Magazine